



Fernando Cristóvão (coord.), *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável e Suas Descendências de Rodrigues Mendes Silva Lusitano*. Lisboa: Esfera do Caos, 2010.

Quase quatro séculos passados sobre a primeira publicação desta versão peculiar da crónica dedicada à personalidade do Condestável Nuno Álvares Pereira, este volume permite ao grande público aceder, de um modo bem acompanhado e completo, ao texto integral de Rodrigues Mendes Silva Lusitano, português ao serviço da coroa filipina, que, meses antes de se dar a Restauração, dedica a D. Luis Mendez de Haro Sottomayor Y Guzmán, Conde de Morente, uma abordagem aos feitos e à linhagem do herói que a tradição portuguesa transformou, ainda que anacronicamente, num estereótipo do cavaleiro virtuoso e patriótico por excelência.

A obra é introduzida por um texto da autoria do Professor Fernando Cristóvão, que atenta a algumas das questões cruciais que esta obra coloca. Elaborar-se uma reconstrução da imagem de Nuno Álvares na leitura resultante do confronto com o original seiscentista, reconstrução essa baseada numa ampliação do mito do herói. Depois de destacar os motivos que conferem importância a esta fonte, distinta de outras produzidas desde a primeira *Cronica do Condestabre* e, também, na sequência da personagem à qual Fernão Lopes deu vida na *Crónica de D. João I*, Fernando Cristóvão procura demonstrar como ela se enquadra perfeitamente na dupla exaltação dos feitos dos portugueses, num momento em que ainda estavam vivos os desejos de independência política, e das relações culturais, linguísticas e políticas existentes entre os dois reinos peninsulares, bem evidentes na descendência de Nuno Álvares que, à luz do que se defende na obra, teria sido um dos elementos cruciais para a formação de boa parte da nobreza e da realeza europeias. Ideia certamente discutível e controversa, mas que se apoia directamente no texto, permitindo mostrar como o terreno de exaltação dos feitos gloriosos do decisivo comandante do exército do Mestre de Avis se alarga muito para além das fronteiras portuguesas, como defende Fernando Cristóvão no final do seu texto: “*Vida y Hechos* é, pois, uma das obras que melhor retratam a personalidade do Condestável, projectando-o muito para além dum simples herói da luta entre Castela e Portugal, por acrescentar a esse, e ao título de Santo da Igreja universal, o de patrono da Europa, através dos seus descendentes que a consolidaram e engrandeceram”.

Depois da edição integral do fac-símile do original castelhano, que permite, apesar da sua antiguidade, que o leitor consiga lê-lo se for essa a sua intenção, é apresentada uma cuidada tradução realizada pelo Doutor António Castro Henriques, actualizando a escrita seiscentista ao português contemporâneo e, portanto, ao acordo ortográfico adoptado. Antes de começar o texto da crónica propriamente dita o leitor contacta com alguns documentos de apresentação reveladores, dada a natureza do texto. São os casos dos textos que o avalizam perante a Inquisição e perante o rei de Portugal e de Castela (é, por exemplo, notória a relativa desconfiança que o texto suscita por ser produzida por alguém “tão favorável às glórias dos portugueses”, condição relevada dado que o conteúdo da sua primeira parte “cinge-se ao que consta na crónica em língua portuguesa sobre este Cavaleiro”, “concordando ainda com os mais eminentes historiadores de Castela”, enquanto que a segunda parte é conforme às descendências que constam “nos mais acreditados nobiliários” – p. 324); da dedicatória do autor ao seu protector, na qual este considera o Condestável “antepassado de quase todos os príncipes da Europa, assunto, até hoje, tratado por poucos ou por ninguém com um fito igual ao meu”, teoria que emoldura todo o conjunto (p. 325); de uma interessante carta enviada ao autor por Francisco Manuel de Melo, na qual se exalta, como o Prólogo de Silva Lusitano também o faz, a verdade do texto, que não exigiu do historiador qualquer tipo de encobrimento, também muito devido ao tema, a descrição do “mais proeminente homem da nação portuguesa e que a tantas outras nações deu gloriosos príncipes” (p. 330); e de uma série de poemas dedicados a exaltar simultaneamente o Condestável e o autor que escreve a sua crónica.

O texto da crónica consiste numa completa e interessante exposição de todo o manancial de acontecimentos que o Condestável acompanhou ao longo da sua vida, intercalados

pela apresentação dos principais aspectos que permitiram dar uma dimensão heróica e mítica aos seus feitos, relatos que incluem e alargam tudo aquilo que o leitor de Fernão Lopes já conhecia. A crónica evolui numa única sequência textual, dedicando menos pormenores à exposição dos acontecimentos do que as de Fernão Lopes. Começando com a apresentação da linhagem de Nuno Álvares, rapidamente se configuram, muitas vezes pelo recurso ao discurso directo do herói, os traços dominantes da sua personalidade: a sua coragem, audácia, crença nas capacidades próprias e dos portugueses, uma notória atracção pelo perigo e pelo conflito e, também, a sua religiosidade, humanidade e companheirismo. Destacaria, resumidamente, alguns episódios significativos: o modo como ainda pequeno, depois de observar o exército castelhano, considera “que era pouca gente mal chefiada, a quem pouca gente com melhor ordem facilmente venceria” (p. 346), frase que agrada ao rei e, sobretudo, a Leonor Teles e que antecipa o mito da desigualdade dos oponentes em Aljubarrota; a sua animação ao avistar forças inimigas (p. 348), a que se seguirão constantes episódios em que aceita ou lança desafios; o modo como antecipa a opção por D. João I como futuro rei de Portugal (p. 354); a sua coragem quando se mostra igualmente decidido a combater este inimigo ou um que reunisse todos os reis do mundo (p. 358-359); a justeza com que reparte os despojos de guerra pelos seus companheiros sem com nada desejar ficar (p. 368); a determinação e capacidade demonstradas antes e durante a Batalha de Aljubarrota (374-379); a crença religiosa exacerbada no célebre episódio da batalha de Valverde (pp. 381-382). Destaca-se ainda nesta Crónica uma perspectiva muito mais peninsular dos acontecimentos, evidente por exemplo quando se considera esta “a mais renhida batalha que alguma vez viram os campos da Espanha” e se resume a vitória de D. João I como “a mais célebre vitória que os portugueses conseguiram naquele tempo e que alguma vez se conseguiu em toda a Espanha”.

Depois do texto, e antes da exaustiva exposição de todos os descendentes conhecidos de Nuno Álvares até 1640, entre os quais os representantes da Casa de Bragança e a própria família real filipina, são ainda apresentados vários epitáfios dedicados ao herói, da autoria de relevantes personalidades como Tirso de Molina, Lopez de La Vega, Calderón de La Barca, Velez de Guevara, entre outras. Para além de referirem os tópicos fundamentais da personagem mítica do Condestável, alguns destes epitáfios não esquecem a importância da sua descendência.

Penso que o conjunto de informações disponibilizadas nesta obra é de extremo interesse para a construção sempre necessária da personagem de Nuno Álvares. Creio, no entanto, que precisaremos analisar e avaliar o conjunto de acordo com perspectivas distintas. Para um leitor que aprecie este período particular da História de Portugal, o modo como a disputa territorial entre Portugal e Castela se processou, a narrativa de episódios bélicos nos quais a distância entre mito e realidade foi sendo anulada com o passar do tempo e, sobretudo, que tenha especial interesse e admiração pela personalidade de Nuno Álvares Pereira, nas suas várias vertentes, esta obra é mais um importante tijolo de um edifício que desde as *Crónicas* de Fernão Lopes, escritas a pensar na legitimidade de uma dinastia original na forma como se iniciou, tem sido cuidadosamente construído para se identificar como o momento em que uma proto-ideia de nacionalidade começou a ser desenvolvida. Do ponto de vista literário, a obra é também um texto interessante, que não se dispersa em pormenores que potencialmente poderiam desviar a atenção do leitor do cerne da questão e que articula muito bem a narrativa com a utilização do discurso directo do Condestável. Do ponto de vista histórico, creio que a tese defendida quer pela crónica quer pela releitura que Fernando Cristóvão dela faz – poderei aproveitar para referir uma das mais significativas frases utilizadas pelo professor na apresentação pública da obra, quando defendeu que Nuno Álvares, dada a sua descendência e o impacto desta na construção da Europa, deveria ser considerado um dos padroeiros do Velho Continente – poderá não ser consensual e merecer da parte de outras correntes de opinião leituras contrárias, o mesmo sucedendo com a importância concedida ao original em questão. O que não impede que a crónica tenha necessariamente de ser tida em conta e que ocupe um espaço importante nos estudos que têm sido levados a cabo a respeito da História e da Cultura em Portugal.

Abre-se, creio, uma nova porta a futuras abordagens quer da personagem de Nuno Álvares quer da família Bragança, capazes de iluminar com outra documentação a questão. Neste sentido, saúda-se a oportunidade da edição, assim como a sua qualidade gráfica, evidente antes de mais na capa luminosa. ▀